

## TERREIRO DE UMBANDA FILHOS DA MATA EM PONTA GROSSA - PR

Temple of Umbanda Sons of the Woods in Ponta Grossa – PR

Dionatan Venícius Chaves Bastos<sup>1</sup>, Sílvia Barbosa de Souza Ferreira<sup>2</sup>

1 Aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo

2 Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo

### Resumo

O projeto propõe um Terreiro de Umbanda na cidade de Ponta Grossa, Paraná. O objetivo visa a demonstração do potencial construtivo e valorização da cultura brasileira, tendo em vista que a Umbanda é uma religião criada e desenvolvida em solo brasileiro, a partir do contato com outras culturas, somando a cultura dos nativos brasileiros. O presente trabalho foi elaborado como pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Para a construção deste trabalho utilizou-se os programas e softwares: *Google Maps, Google Earth, Word, WebGeo (Ponta Grossa), Adobe Acrobat, AutoCAD, Sketch UP e Power Point*. A escolha de um lote viável deveria cumprir a intenção de estar alocado no centro da cidade, buscando a visibilidade da construção. O Terreiro de Umbanda Filhos da Mata é um complexo que agrega estética, funcionalidade, visibilidade social, respeito às necessidades da religião, acessibilidade e sustentabilidade em sua construção, ofertando um espaço de qualidade para os frequentadores do templo, assim como um potencial centro cultural e de convivência para a população em geral através de espaços específicos como praças, loja e lanchonete. O artigo visa trazer à tona a importância de olhar para o apagamento cultural e levantar o questionamento sobre a dificuldade de acesso a templos que cultuam religiões diferentes do cristianismo e que foram construídos pensando nas necessidades dos umbandistas.

**Palavras-Chave:** Umbanda; Arquitetura Religiosa; Religião afrodescendente; Cultura brasileira.

### Abstract

The project proposes a Terreiro de Umbanda in the city of Ponta Grossa, Paraná. The objective is to demonstrate the constructive potential and appreciation of Brazilian culture, considering that Umbanda is a religion created and developed on Brazilian soil, based on contact with other cultures, adding the culture of Brazilian natives. The present work was elaborated as a qualitative bibliographical research. For the construction of this work, programs and software were used: *Google Maps, Google Earth, Word, WebGeo (Ponta Grossa), Adobe Acrobat, AutoCAD, Sketch UP and Power Point*. The choice of a viable lot should fulfill the intention of being allocated in the center of the city, seeking the visibility of the construction. The Terreiro de Umbanda Filhos da Mata is a complex that combines aesthetics, functionality, social visibility, respect for the needs of religion, accessibility and sustainability in its construction, offering a quality space for temple goers, as well as a potential cultural and cultural center. of coexistence for the population in general through specific spaces such as squares, shop and snack bar. The article aims to bring out the importance of looking at cultural erasure and raise questions about the difficulty of access to temples that worship religions other than Christianity and that were built thinking about the needs of Umbanda practitioners.

**Keywords:** Umbanda; Religious Architecture; Afro-descendant religion; Brazilian culture.

**Contato:** [diovcb@hotmail.com](mailto:diovcb@hotmail.com); [silvia.ferreira@cescage.edu.br](mailto:silvia.ferreira@cescage.edu.br)

### Introdução

A religião umbanda é datada no Brasil por volta de 1908 e fundada por Zélio Fernandino de Moraes, desenvolvida com base no princípio da caridade. A umbanda se desenvolveu através do contato com outras religiões e culturas estrangeiras, como: Africanas, europeias e ainda acrescentando dados da cultura indígena brasileira. (GIUMBELLI, 2002; ORTIZ 1999; ROHDE, 2009).

Entretanto, seu surgimento com Zélio Fernandino deixa aberta algumas lacunas, como afirma Rohde (2009), descrevendo esse surgimento como um mito de origem ou mito de fundação da umbanda, porém completa apontando que diversos escritores reconhecem esse momento como um marco para a religião, não excluindo seus ritos anteriormente a data de 1908,

[...] um marco histórico efetivo, senão de fundação, pelo menos

um momento importante na organização da umbanda enquanto religião nova, variando dados como as datas, locais específicos e detalhes no desenrolar dos acontecimentos. (pg. 81).

A religião de Umbanda agrega valores de culturas africanas, europeias e dos nativo-brasileiros. Essa miscigenação de povos, religiões e culturas, adjunto ao surgimento de uma nova classe social, mesmo que colocada à margem, foi o que possibilitou o espaço para surgimento e difusão da Umbanda no Brasil, incluindo no culto ao sagrado os Orixás, entidades, o resgate e conexão com a ancestralidade, qual encontra esse espaço de possível (r)e(s)istência na religião. (ORTIZ, 1999; OLIVEIRA, 2014)

Conforme Baldiotti e Santana (2020), falar de

valores da cultura africana no Brasil remetemos ao povo chega ao país escravizado, é possível compreender o caráter de marginalização que seus saberes eram compreendidos pelo povo branco e cristão, dado a posição clara ao senso comum de diferenciação entre a Casa Grande e a Senzala.

Quando a população negra que se encontrava desamparada entra em contato com a fé espírita, agrega seus conhecimentos e cultura da terra mãe África. Surge nesse momento o que os espíritos do século XIX chamavam de “baixo espiritismo”. (ORTIZ, 1999)

Ainda segundo o autor:

Negros, mulatos, portugueses, à miséria da cor soma-se a miséria de classe: A favela torna-se o foco do feitiço, ou em outros termos, o lugar onde se agrupa uma classe marginal à sociedade, que tem como único consolo a religião e as práticas mágicas que se enriquecem na medida em que cada povo traz a sua contribuição. (ORTIZ, 1999. pg 35).

Sendo assim, todos aqueles que não conseguiam se integrar de alguma forma à sociedade e cultuar ao sagrado do povo branco acabavam ocupando o mesmo espaço e posição social. Conclui Ortiz (1999) que o “baixo espiritismo” lhes dava uma perspectiva que permitia enfrentar a vida, oferecendo a possibilidade de existir e resistir.

Tendo em vista o caráter marginal que a religião sofreu em sua configuração, é possível compreender que sua ideologia não se difunde abertamente devido a intolerância que seu povo sofre.

Para Ribeiro (2016) o preconceito com a religião e seus membros se dá pelo fato de que muitos não a conhecem e acreditam que a religião é maléfica, tendo por finalidade apenas a obtenção de vantagens através de trabalhos realizados e/ou sirva apenas para atos de maldade, coincidentemente chamados de “magia negra”,

[...] o preconceito que seus adeptos sentem ao se identificarem como umbandistas faz com que, na maioria das vezes, prefiram omitir sua religião ao invés de tentar explicá-la e de mudar a imagem criada sobre ela, mantendo, assim, o costume de escondê-la, apesar de acreditarem nela. (RIBEIRO, 2016, pg. 7)

Sendo assim, o sofrimento decorrente do preconceito fez com que os terreiros de Umbanda, em sua maioria, se retirassem para zonas mais periféricas dos centros urbanos; localizados em barracões ou dentro das casas de seus dirigentes, sem uma estrutura pensada e subsídios disponíveis, não se apegando a estética do ambiente e sim em sua funcionalidade. (ORTIZ, 1999)

Segundo Baldiotti e Santana (2020), é necessário a defesa de ações que protejam e promovam a diversidade cultural como uma forma de combate ao mercado de consumos culturais globais, que apresentam um risco da homogeneização e padronização dos indivíduos. Sendo a Umbanda um patrimônio imaterial brasileiro, a religião deve ser defendida e preservada.

O Rio de Janeiro foi pioneiro a reivindicar as religiões afro-brasileiras, candomblé e umbanda como patrimônio imaterial.

No combate à massificação, à homogeneização e à padronização cultural decorrentes da globalização cultural, é fundamental resgatar a diversidade de recursos simbólicos que origina identidade cultural, especialmente aos grupos minoritários. Assim, o patrimônio material e imaterial é uma forma de preservar, proteger os registros daquilo que foi mantido pela tradição e identificar um grupo e, com isso, respeitando e promovendo as diferenças culturais. (BALDIOTTI E SANTANA, 2020)

De acordo com Baldiotti e Santana (2020), “patrimônio” deriva da palavra família, fazendo referência aos bens passados dos pais para filhos:

A adoção de ações que protejam a diversidade e identidade local, é uma forma de enfrentamento ao mercado de consumos culturais globais, que trazem o perigo da homogeneização, estandardização dos universos simbólicos e dos códigos identitários. (BALDIOTTI E SANTANA apud Alves, 2010. Pg 02).

O acesso à informação é um importante fator, tanto para a desmistificação como para a preservação da cultura religiosa umbandista. Grande parte do preconceito e intolerância religiosa se dá pela falta de acesso e de conhecimento.

Sendo a Umbanda uma religião voltada para a caridade, não possui uma renda para a construção de um templo que seja esteticamente agradável e funcional ao mesmo tempo. Deste modo surge a necessidade de que esse patrimônio religioso/cultural histórico brasileiro seja devidamente representado e tenha espaço para existir de forma digna, com possibilidade de tornar-se motivo de orgulho em ser um marco de diversidade e resistência.

**Objetivo Geral:** Criar um projeto arquitetônico referencial de um Terreiro de Umbanda em Ponta Grossa – PR.

**Objetivo específico:** Valorizar propagar a

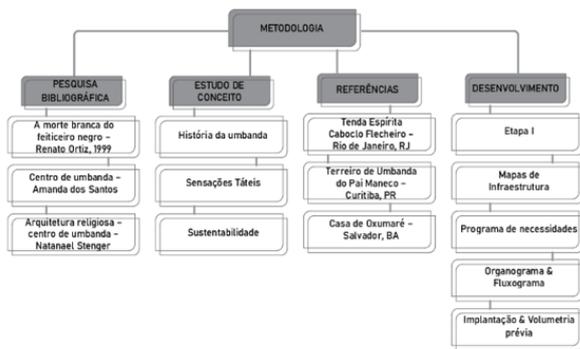
cultura brasileira através da arquitetura<sup>1</sup>; projetar um local acessível e de qualidade a população<sup>2</sup>; combater a intolerância religiosa<sup>3</sup>.

## Materiais e Métodos

O presente trabalho foi elaborado através de pesquisas bibliográficas, sendo uma pesquisa de cunho qualitativo por não possuir dados estatísticos. Após a coleta dos dados foi definido um terreno para o desenvolvimento do projeto, sendo realizada a escolha de um lote viável, posterior levantamento fotográfico, análise de seu entorno e condicionantes. Foi necessário a pesquisa de normas e legislações para que o projeto possa ser desenvolvido.

Para a construção deste trabalho utilizou-se os seguintes programas e softwares: *Google Maps*, *Google Earth*, *Word*, *WebGeo* (Ponta Grossa), *Adobe Acrobat*, *AutoCAD*, *Sketch UP* e *Power Point*. A fim de melhorar o entendimento dos passos realizados até o final desta primeira etapa fica disposto a seguir um organograma das principais fases desde a coleta de dados e análise até a etapa do desenvolvimento. Conforme figura 01

Figura 01 – Diagrama de metodologia



FONTE: Autor, 2022

A análise de três terreiros de umbanda foi o que possibilitou a imersão ao tema, sendo estas:

### **Tenda Espírita Caboclo Flecheiro:**

Localizada em: Rua Prof. Burlamaqui - Váz Lobo, n° 123, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Esta obra se trata de uma reforma; o templo se dispõe de forma a aproveitar o desnível no terreno, sendo o lote em declive ao sentido da Rua Prof. Burlamaqui. O complexo dispõe de lanchonete, biblioteca e uma praça central abertos ao público, o complexo ainda mantém a residência de seu sacerdote junto ao terreno, e ainda compreende um barracão em frente da praça, para as cerimônias religiosas.

### **Terreiro de Umbanda do Pai Maneco:**

É um terreiro localizado em: Estr. Nova, 5487 – Santa Cândida, Curitiba - PR, 82720-010, Paraná, Brasil. Este templo umbandista possui mais de 1500 membro associados. O complexo, além do barracão central onde se realizam as giras, oferta

áreas como: o jardim dos orixás, lanchonete, biblioteca e uma escola de formação de umbanda.

**Terreiro Casa de Oxumaré:** Este terreiro é localizado em: Av. Vasco da Gama, n° 343, Salvador, Bahia, Brasil. Foi tombado no dia 15 de abril de 2002, essa obra se trata de uma reforma, a fim de ofertar mais espaço e aproveitamento do entorno. Esse complexo se encontra em um terreno em acive em relação a Av. Vasco da Gama. Sendo proposto ao complexo, uma biblioteca, salão de festas, uma praça central, um museu memorial dedicado ao santo regente da casa (Oxumaré), um edifício sacerdotal para o chefe da casa, e o barracão central para a realização dos cultos.

## Resultado

**Conceito & Partido:** O conceito qual se norteia o projeto visa respeitar a premissa umbandista de que a religião é “pé no chão”: Tanto metaforicamente, porque se constrói com base na caridade, como literalmente pois, seu rito se constrói a todo momento dando ênfase a importância dos pés descalços em contato com a terra.

Fazendo uma reverência à Mãe terra ao tocarem o solo com a mão direita e levarem na frente ou, ainda, quando executam uma dança ao orixá e recebem o santo. Nessa ocasião, os companheiros assentam a filha de santo e a descalçam para pisar diretamente no terreiro, estabelecendo dessa maneira a comunicação com a terra. (MARTINS, 2016, pg. 14).

Devido a compreensão do solo como sagrado e da conexão com a “mãe terra”, dentro da área da gira um terreiro não se deve utilizar sapatos, possibilitando o contato sem materiais que isolem as plantas dos pés. A palavra “terreiro” já faz simbologia ao seu significado que, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2005) é: “Espaço de terra plano e desocupado” (p.680).

Ainda seguindo o conceito da terra como mãe, parte-se dessa ideia para nomear o terreiro: Sendo a terra mãe, logo, seus ocupantes são filhos, remetendo a conexão da natureza através da mata, onde abriga as forças e elementos da natureza, foco do culto da Umbanda.

Dando ênfase ao conceito de que o terreiro e seus membros possuem uma forte ligação com a terra (solo) foi utilizado como ponto de partida que o Terreiro de Umbanda Filhos da Mata - TUFM terá sua estrutura em alvenaria de tijolos ecológicos (solo cimento), tornando o material mais utilizado da obra um material sustentável, reciclável e reutilizável.

Com o uso desses tijolos, não é necessário nenhum tipo de acabamento sobre a estrutura, mantendo-os aparentes, possibilitando assim estímulos táteis, olfativos e visuais da terra, não

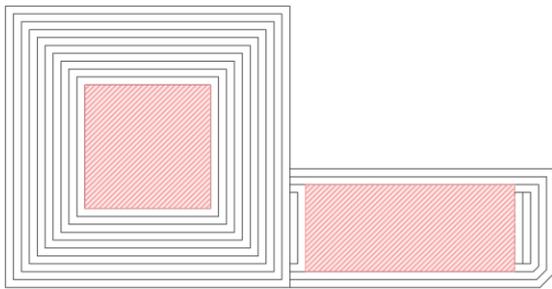
somente no chão, mas também através do cheiro no ar que se respira e nas paredes que o rodeia, transmitindo aconchego e intimidade as pessoas.

O conceito racional modernista se enquadra a obra valorizando o simples, básico e funcional, onde cada ambiente, sala e pavimento possui sua função prática e explícita de uso, disposto a oferecer uma maior qualidade de uso aos cidadãos que decidirem usufruir do complexo projetado. Com base nesta premissa, o projeto assumiu a preocupação de dar incentivo à população que busca contato com a cultura e religião umbandista e a sua história, já que esta faz parte da história do Brasil.

A volumetria da obra segue o mesmo conceito derivado da palavra “terreiro” já citado; tomando partido da própria faixa de terra onde será inserido o projeto, a volumetria é apenas a modulação do terreno, demonstrado na figura 02, 03 e 04.

Ao dar espaçamentos de 1 metro em 1 metro ao interior do lote, é possível observar a base da volumetria da obra.

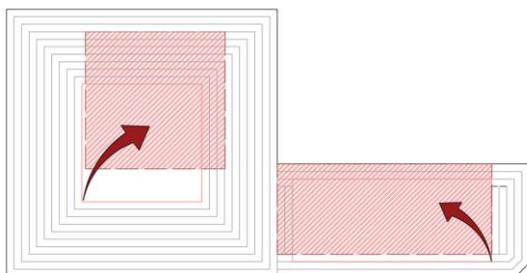
Figura 02 – Conceito de Volumetria



FONTE: Autor, 2022

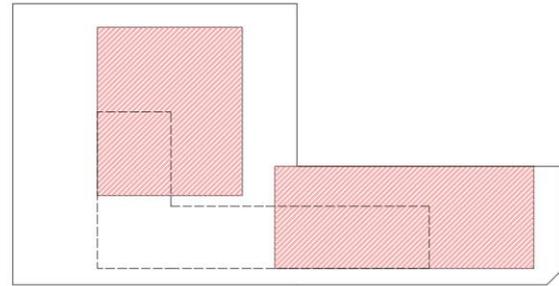
Como apresentado na figura 03, para melhor aproveitamento do terreno e estética, foi realizado o reposicionamento das bases da volumetria, chegando à volumetria final demonstrada na figura 04:

Figura 03 – Conceito de Volumetria



FONTE: Autor, 2022

Figura 04 – Conceito de Volumetria



FONTE: Autor, 2022

■ Base da volumetria  
 - - - Pavimento superior

A localização do templo é uma das problemáticas. Como já citado, grande parte dos templos de umbanda se encontram nas periferias das cidades, existindo um elo entre a religião e a classe social do indivíduo. Sendo assim, o local escolhido para o projeto localiza-se em uma zona central, ofertando maior infraestrutura ao projeto e a seus utentes. O terreno selecionado possui uma área de aproximadamente 1.782,00m<sup>2</sup> e se encontra na rua Eng. Schamber, 361 com R. Padre Ildfonso & R. Sete de Setembro.

**Análise do terreno e seu entorno:** O terreno escolhido para o projeto é localizado na cidade Ponta Grossa – PR, situado em um lote com duas esquinas, R. Eng. Schamber, R. Padre Ildfonso e R. Sete de Setembro. A justificativa para a escolha do terreno visa o objetivo de quebrar o paradigma de que terreiros de umbanda devem existir apenas em regiões mais distantes dos centros urbanos, ocasionando assim o fortalecimento do preconceito e intolerância religiosa da população umbandista.

A localização do lote se dá em uma zona central da cidade de Ponta Grossa, sendo o zoneamento central com parâmetros urbanísticos que possibilitam um excelente aproveitamento do terreno e desenvolvimento do projeto. Conforme figura 05:

Figura 05 – Zoneamento do Sítio



FONTE: WebGeo Ponta Grossa, 2022

- Zoneamento central
- Terreno

A nordeste há um prédio com doze andares, o edifício residencial Palatino, qual terá interferência na iluminação natural do projeto. Localizado em sentido norte encontram-se mais dois edifícios residenciais, sendo o primeiro com seis pavimentos e o segundo com doze pavimentos. Estes prédios exercerão influência de sombreamento ao fim da tarde sobre o lote. Localizado a sudoeste do terreno está o 2º Grupamento de Bombeiros-Quartel Central-Ponta Grossa. Em frente ao terreno encontra-se o Colégio Estadual Senador Correia. Conforme figura 06

Figura 06 – Análise do entorno: insolação



LEGENDA

- Orientação solar
- Lote
- Edifícios de 12 Pavimentos
- Edifícios de 6 pavimentos
- Edifícios de até 2 pavimentos
- Grupamento de Bombeiros
- Colégio Estadual Senador Correia

FONTE: Autor, 2022

Os sentidos das vias, sendo a R. Eng. Schamber em sentido norte, R. Padre Ildfonso em sentido leste e R. Sete de Setembro em sentido sul. Localizado na fachada oeste encontra-se um ponto de ônibus, facilitando o acesso ao complexo. De acordo com a figura 07.

O trânsito no local na maior parte do dia se enquadra em um trânsito rápido, podendo ocorrer um trânsito de movimento regular no período das manhãs e no final da tarde.

Figura 07 – Análise do entorno: mobilidade urbana



LEGENDA

- Ponto de ônibus
- Lote
- Trânsito rápido
- Trânsito regular

FONTE: Org: Autor, (2022). Google maps, 2022

As fachadas, oeste e fachada sul do terreno apresentadas na figura 08 e 09 possibilitam a vista

do edifício residencial ao fundo. É evidente ainda o declive do terreno para o sentido sudeste, desnível com cerca de 4,50 metros de diferença de um extremo a outro.

Através das imagens também é possível ver inúmeras possibilidades de acesso ao lote.

Figura 08 – Levantamento fotográfico



FONTE: Autor, 2022

Figura 09 – Levantamento fotográfico



FONTE: Autor, 2022

**O reconhecimento da cultura indígena e afro-brasileira:** Estas duas culturas sofreram com a colonização do Brasil e com o aculturamento (quando um povo deve se adaptar a outra cultura a qual não faz parte) do período pós colônia. Para Baldiotti e Santana (2020), se faz necessária a preservação e disseminação destas culturas. Sendo assim, além de um terreiro de umbanda o TUFM é um agregado de cultura e simbolismo. Alguns desses símbolos remetem claramente a sua origem como, por exemplo, na figura 10, 11, 12, 13 e 14.

O letreiro do terreiro possui caracteres com significantes e traços da cultura indígena. Conforme figura 10

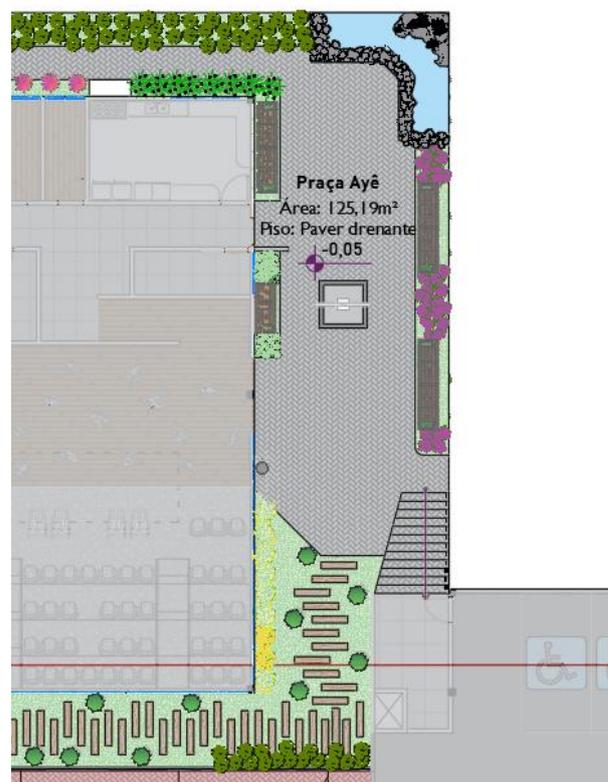
Figura 10 – Letreiro das fachadas



FONTE: Autor, 2022

As três praças do complexo possuem nomes com significados que se conectam a cultura africana e brasileira, duas delas remetendo ao lorubá, a língua original dos cultos africanos. A primeira é a Praça Ayê que possui nome da cultura e língua lorubá, segundo Beniste (2021), a tradução de "Ayê" significa Terra. Apresentado na figura 11:

Figura 11 – A Praça Ayê



FONTE: Autor, 2022

A Praça localizada no primeiro pavimento é a praça dos malandros, a qual presta uma homenagem com uma estátua ao centro da praça da entidade Zé Pelintra. Demonstrado a figura 12:

Figura 12 – A Praça dos Malandros



FONTE: Autor, 2022

No ultimo pavimento, apresentado na figura 13, está a Praça do Orún que de acordo com Beniste (2021), do Iorubá, Orún possui a tradução de Céu.

Figura 13 – A Praça do Orún

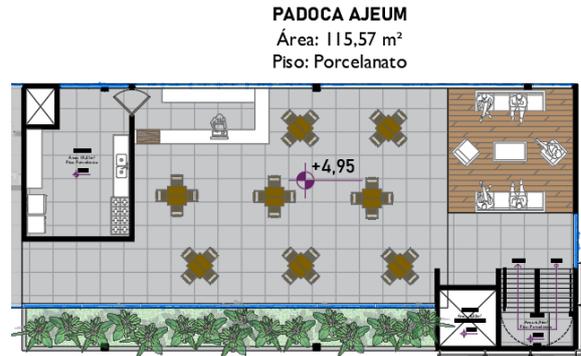


FONTE: Autor, 2022

A Padoca Ajeum demonstrada na figura 14, localizada no segundo pavimento também possui uma tradução do Iorubá:

A palavra Iorubá Ajeum é o resultado da união das palavras "awa" que quer dizer nós e o "jeun" que significa comer, resultando na expressão "comer juntos". (BARBOSA, 2018. Pg 14)

Figura 14 – Padoca Ajeum

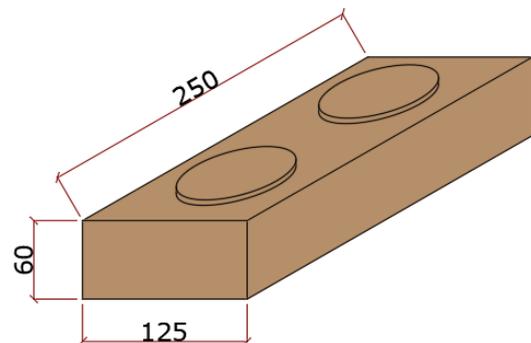


FONTE: Autor, 2022

Além das três praças que trazem em seu nome o simbolismo espiritual, a Galeria de Artes Maré é batizada em homenagem a Oxumaré, orixá cultuado na casa e que segundo o mito da criação do mundo fica responsável pela força criativa e também pela arte. (ALBUQUERQUE, 2016)

**Materiais Utilizados:** Tijolos ecológicos - Além de sustentáveis, recicláveis, reutilizáveis e biodegradáveis, fornecem agilidade e simplicidade na construção civil, sendo dispensado o uso de argamassa; sua fixação é efetuada através de uma cola de tijolos sobre peças de encaixe, sendo necessário apenas um rejunte para acabamento nas frestas entre blocos. Conforme figura 15

Figura 15 – Detalhe Tijolo Ecológico

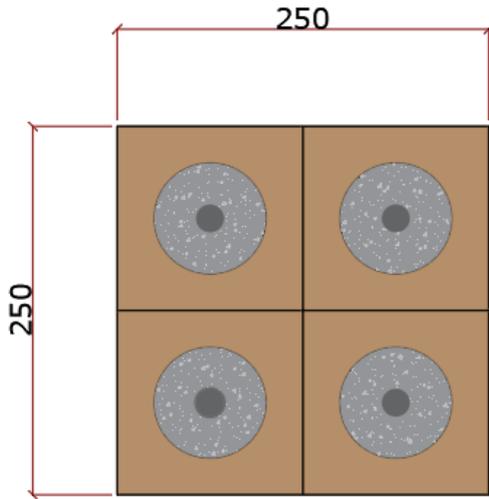


FONTE: Autor, 2022

Os pilares estruturais são divididos em dois modelos: Cargas médias demonstradas na figura

16 e cargas pesadas figura 18.

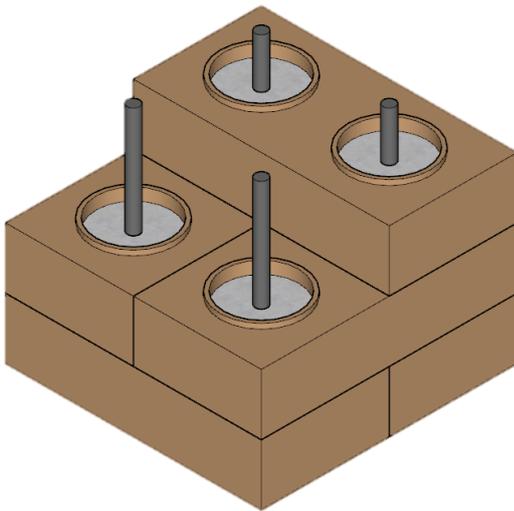
Figura 16 – Detalhe pilar estrutural carga média



FONTE: Autor, 2022

Para os pilares de carga média apresentados na figura 17, é possível visualizar que os tijolos são posicionados de forma amarrada auxiliando na estrutura. Ainda dentro dos furos dos tijolos é inserido uma ferragem que é concretada, aumentando ainda mais sua resistência.

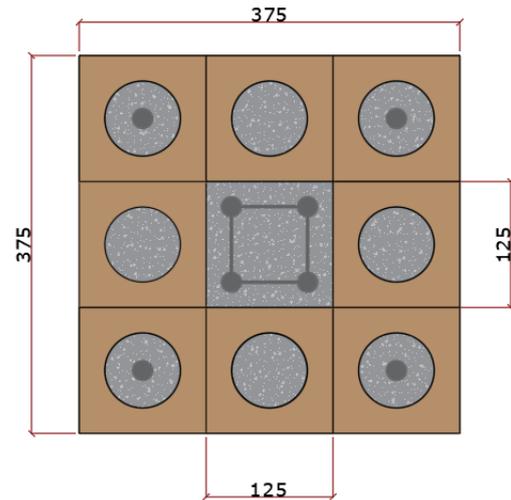
Figura 17 – Detalhe pilar estrutural carga média persp. isométrica



FONTE: Autor, 2022

Os pilares destinados para cargas pesadas, são mais robustos e resistentes, como apresentado na figura 18.

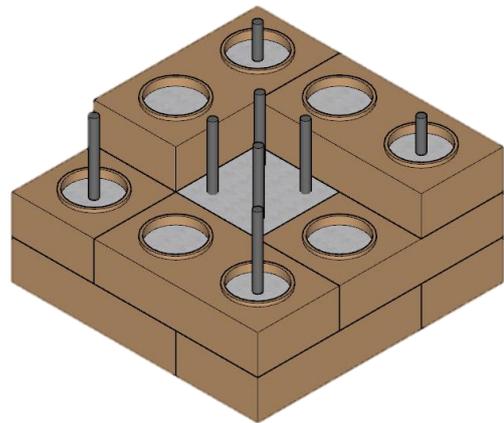
Figura 18 – Detalhe pilar estrutural carga pesada



FONTE: Autor, 2022

Nos pilares de carga pesada apresentados na figura 19 fica visível o posicionamento dos tijolos de forma amarrada, assim como os pilares de carga média, porém com muito mais consistência e volume. A inserção de ferragem dentro dos tijolos e a concretagem é o que dá ainda maior resistência a esse pilar robusto.

Figura 19 – Detalhe pilar estrutural carga pesada persp. isométrica

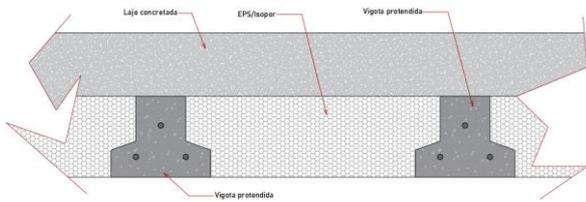


FONTE: Autor, 2022

O tipo de laje escolhida é o modelo de vigota protendida, a qual possui um custo benefício e agilidade na montagem e ainda possui a capacidade de percorrer grandes vãos, sendo necessário um fechamento entre cada vigota protendida, no caso desta obra será utilizado EPS (isopor). Utilizando para vãos até 3 metros, dispensa escoramento; vãos até 6 metros, um escoramento e vãos de até 10 metros, duas linhas

de escoramento. Conforme figura 20

Figura 20 – Detalhe Estrutura da Laje com vigota protendida e acabamento em EPS



FONTE: Autor, 2022

O tipo de piso escolhido para as áreas externas do TUFM é do tipo de paver de concreto permeáveis, fazendo com que as águas pluviais adentrem no solo. A figura 21 demonstra as cores utilizadas.

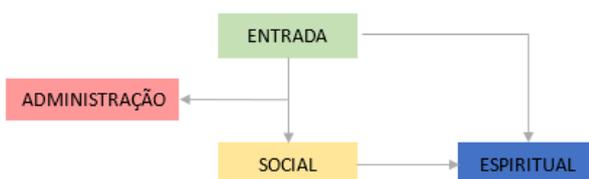
Figura 21 – cores de pavers drenantes utilizados



FONTE: Uni Stain, 2022

**Programa de Necessidades:** O complexo foi dividido em três setores, sendo o térreo composto por: Barracão, Tronqueira ou Casa de Exu, Praça Ayê e estacionamento. O primeiro pavimento por: Galeria de Arte Maré e a Praça dos Malandros. Ficando por fim, no segundo pavimento: Praça de alimentação, que conta com lanchonete denominada "Padoca Ajeum", setor administrativo e espaço externo, onde se localiza a "Praça do Orun", qual possui simbolismos específicos para cada Orixá cultuado no templo.

Figura 22 – Organograma



FONTE: Autor, 2022

O organograma apresentado a figura 22 demonstra como é feita a ligação de acesso de cada área, demonstrando desde a entrada a conexão a outros setores como: Administração, social e espiritual do Terreiro de Umbanda Filhos da Mata.

## Discussão

No térreo encontra-se a disposição do público a área da gira, onde ocorrerão os cultos religiosos. Na área da gira ficam assentados imagens que fazem alusão a cada orixá cultuado no terreiro.

Além disso, ficam também as imagens de linhas de entidades que trabalham à luz desses orixás, sendo eles, necessariamente, compondo a trindade de sustentação da Umbanda: Caboclos, Pretos Velhos e Erês. A seguir temos marinheiros, baianos e boiadeiros e também a linha neutra que configura as linhas de malandros e ciganos, conhecidos como povo da rua e da estrada.

Cada casa terá especificidades que serão definidas de acordo com o dirigente espiritual e a vertente seguida, porém é importante frisar que as linhas de trabalho da trindade de sustentação remetem-se a espíritos que abrigam o estereótipo de vulnerabilidade e que estão à margem da sociedade, sendo eles, na mesma ordem: Índios, ex-escravos idosos em sua maioria e ainda as crianças. (PAGLIUSO, 2010)

Ainda segundo a autora:

Por meio da hierarquia “do plano espiritual”, a umbanda, possivelmente, legítima e apoia a reinserção no plano social de brasileiros, pessoas comuns, que passam a ter suas histórias, lutas, raízes e identidades culturais, sociais e étnicas reinterpretadas e valorizadas. (p. 199)

Em sua estrutura, este local possui uma auditório para a consulência (visitantes), banheiros masculinos, femininos e adaptados. No setor privativo, qual fica localizado atrás da área da gira se encontra a cozinha de santo, despensa, vestiários feminino e masculino, assim como banheiros, um depósito geral e um depósito de material de limpeza (dml).

Além disso, à esquerda da entrada principal do terreiro, numa entrada paralela e específica para os filhos fica a Troqueira ou “casa de Exu”, local privativo de uso dos membros da casa, destinado para assentamento de entidades de esquerda.

Na cultura e religião de Umbanda compreende-se que a linha de esquerda tem a função de proteção da casa e de seus filhos, dando ao trabalho das entidades em terra um caráter de maior densidade, sendo esse o motivo de possuírem um local separado e protegido do local

de acesso público. (PRANDI, 2001)

Esse local abriga as imagens e ferramentas das entidades de esquerda, não tendo caráter de abrigo para realização do rito de incorporação, qual ocorre na área da gira como as demais linhas. Vide em figura 23:

Figura 23 – Planta baixa Térreo bloco religioso



FONTE: Autor, 2022

Público

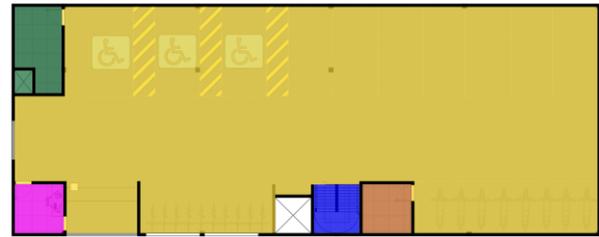
- Hall de entrada
- Circulação
- Auditório consulência
- Escada
- Elevador
- Banheiros, femininos, masculinos e especiais.
- Área da Gira

Privado

- DML
- Circulação
- Cozinha
- Despensa
- Vestiários
- Banheiros, femininos, masculinos e especiais.
- Depósito
- Tronqueira

O estacionamento encontra-se no térreo, é localizado em um bloco separado do barracão religioso dispendo de 11 vagas de estacionamento para veículos automotivos, um estacionamento para motocicletas e um bicicletário. Adjunto ao estacionamento há também um depósito para a cozinha da lanchonete, um depósito do estacionamento e uma guarita para fazer o controle de entrada e saída do estabelecimento. Conforme Figura 24:

Figura 24 – Planta baixa Térreo bloco estacionamento



FONTE: Autor, 2022

Público

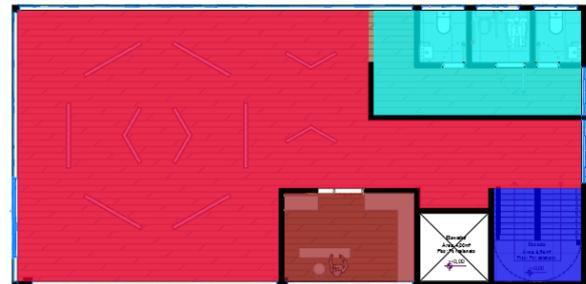
- Circulação de veículos e garagem
- Escada
- Elevador

Privado

- Guarita
- Depósito Padoca Ajeum
- Depósito estacionamento

O primeiro pavimento é onde se localizam: Galeria de Artes Maré, a loja, banheiros femininos, masculinos e adaptados. Sendo este um andar reservado para apresentações e exposições de arte. Vide figura 25

Figura 25 – Planta baixa primeiro pavimento

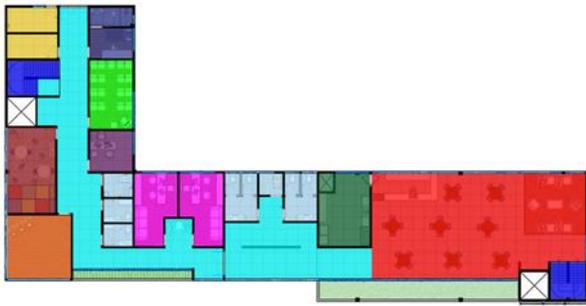


FONTE: Autor, 2022

- Galeria Maré
- Loja
- Banheiros, femininos, masculinos e especiais.
- Escada
- Elevador

O segundo pavimento é onde fica a área administrativa, contemplando dois depósitos, uma suíte com banheiro, uma sala de reuniões, um espaço infantil, banheiros femininos, masculinos e adaptados. Comporta ainda uma sala que poderá utilizada para aulas de dança, capoeira e ensaio da curimba (grupo musical do terreiro), uma sala da administração e contabilidade, dois escritórios para atendimento interno e atendimento externo. No mesmo pavimento está localizado a Padoca Ajeum. Apresentado na figura 27

Figura 27 – Planta baixa segundo pavimento



FONTE: Autor, 2022

- Público**
- Escada
  - Elevador
  - Praça de alimentação
  - Cozinha
  - Banheiros, femininos, masculinos e especiais.
  - Circulação
- Privado**
- Escritórios
  - Sala de dança e canto
  - Sala infantil
  - Adm e contabilidade
  - Sala de reuniões
  - Depósitos
  - Suíte + banheiro

**As Praças e Jardins:** Devido a insolação do terreno, as vegetações tiveram de ser escolhidas todas com seu desenvolvimento em sombra e/ou meia sombra, por razão do lote estar localizado dentro da zona central de Ponta Grossa.

Os jardins do térreo demonstrados na figura 28 apresentam as seguintes vegetações no projeto de paisagismo:

Dracena Roxa, Lírio da paz, Samambaia selvagem, Buxinho Bola, Ipê Branco, Aroeira, Jurema, Bambu Japonês, Espadas de São Jorge, Lavanda, Alamanda, Palmeira Areca, Espada de São Jorge, Bambu japonês, Moréia Branca e Grama São Carlos. Conforme figuras 29, 30 e 31

Figura 28 – Planta baixa Paisagismo térreo e Praça Ayê



FONTE: Autor, 2022

Figura 29 – Perspectiva do projeto paisagismo térreo e Praça Ayê



FONTE: Autor, 2022

Figura 30 – Perspectiva do projeto paisagismo térreo e Praça Ayê



FONTE: Autor, 2022

Figura 31 – Perspectiva do projeto paisagismo térreo e Praça Ayê



FONTE: Autor, 2022

A fachada principal do térreo apresenta uma diversidade com uma área de grama de maior volume que das demais fachadas, apresentando árvores de grande porte como a Aroeira, Ipê branco e Jurema dando contraste com a obra ao fundo. A vegetações de pequeno porte são Dracena roxa, Samambaia selvagem, Buxinho bola e Lírio da paz, vegetações que possuem floração como Lírio e Ipê possuem cores brancas para agregar às características da obra.

O caminho lateral à esquerda da obra é torneado com buxinhos bola, seu acesso é privado apenas aos membros e filhos do terreiro. Ao longo deste caminho há inserção de Espada de São Jorge e de Dracena Roxa, conforme figura 30

Na fachada sul foi incluso ao projeto estão as plantas: Moréia Branca, Lírio da Paz, Costela de Adão, Buxinho bola, Bambu Japonês, Ipê Branco, Aroeira, Jurema, Palmeira Areca e Hera.

**A Praça Ayê:** Para acesso a Praça Ayê que

se localiza na região posterior do terreiro é preciso percorrer pelo caminho lateral do templo, o qual é ornamentado por Buxinho bola e cercado por Bambu japonês.

A Praça Ayê possui em seu paisagismo: Alamanda, Lavanda, Lírio da Paz e Espada de São Jorge. Ao centro da praça é localizado o cruzeiro das almas, cruz que leva esse nome por ser um ponto de força para entidades que trabalham diretamente com as almas, como pretos-velhos e também a linha da esquerda.

Segundo Thompson (2019) a cruz simboliza a ligação entre os quatro elementos e a união entre direita, esquerda, céu e terra, bem como a passagem entre os planos que ocorre no trabalho de incorporação.

**Praça dos Malandros:** A Praça dos malandros está localizada no primeiro pavimento, é uma praça dedicada a linha de entidade dos malandros, dado ao campo de força energética e ainda a irreverência das entidades pertencentes a linha, pois, segundo Maia (2022): “[...] Uma entidade não é distinta do seu lugar, mas é o seu lugar” (p.47).

Nesta praça há vegetações de médio e pequeno porte, sendo elas: Bambu Japonês, Hera, Gramma São Carlos, Buxinho Bola, Alamanda, Lírio da Paz e Dinheiro em Penca. Conforme figura 32, 33 e 34

Há dois meios para chegar a essa praça, um pelo lado externo subindo a escadaria da Praça Ayê no térreo que levará a um corredor cercado por Bambu Japonês, estreitando o caminho e chegando à praça. Outro caminho é possível saindo da Galeria Maré, no primeiro pavimento, qual dá acesso direto a praça principal. A praça dos Malandros foi desenvolvida com base em círculo central, qual tem o objetivo de fazer girar as energias espirituais da praça. Ao centro deste círculo há uma estátua da imagem mais conhecida no senso comum, Zé Pelintra, como reverência a entidade.

Figura 32 – Planta baixa Paisagismo primeiro pavimento – Praça dos Malandros



FONTE: Autor, 2022

Figura 33 – Perspectiva do projeto paisagismo primeiro pavimento – Praça dos Malandros



FONTE: Autor, 2022

Figura 34 – Perspectiva do projeto paisagismo primeiro pavimento – Praça dos Malandros



FONTE: Autor, 2022

**Praça do Orun:** É localizada no segundo pavimento, formada por dois círculos posicionados geometricamente alinhados, estes círculos, como já dito, possuem a função de girar a energia espiritual estagnada, fazendo o que ela flua pelos percursos do jardim. Acima das floreiras há um altar para cada um dos orixás cultuados na casa, sendo estes: Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxum, Nanã, Iansã, Iemanjá, Obá, Obaluaíê, Omulu, Oxalá e Exu, conforme figura 35.

Para o paisagismo da praça do Orun, foram utilizadas as seguintes vegetações: Hera, Costela de Adão, Samabaia Selvagem, Espada de São Jorge, Alamanda, Lavanda, Palmeira Areca, Lírio da Paz, Dinheiro em Penca e Buxinho Bola. Conforme figura 36 e 37:

Figura 35 – Planta baixa Paisagismo segundo pavimento – Praça do Orun



FONTE: Autor, 2022

Figura 36 – Perspectiva do projeto paisagismo segundo pavimento – Praça do Orún



FONTE: Autor, 2022

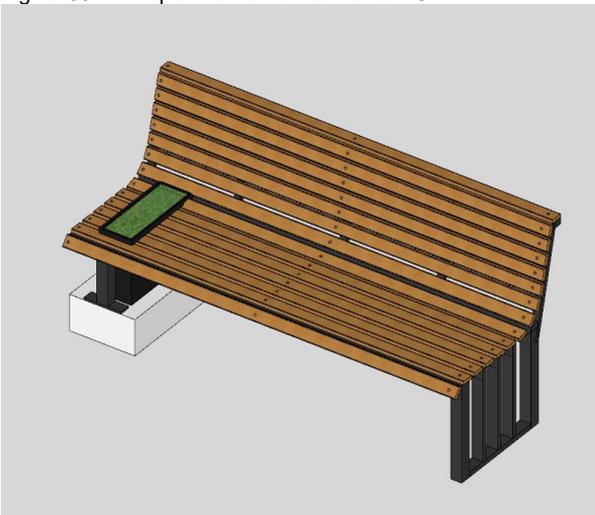
Figura 37 – Perspectiva do projeto paisagismo segundo pavimento – Praça do Orún



FONTE: Autor, 2022

**O MOBILIÁRIO:** O TUFM conta um mobiliário exclusivo projetado para seus usuários distribuídos pelo percurso das praças. Um banco estruturado em metalon pintado de preto, com assento e encosto em madeira ripada e na lateral do acento uma floreira, com Dinheiro em Penca plantada. Conforme figura 38

Figura 38 – Perspectiva isométrica banco TUFM



FONTE: Autor, 2022

## Conclusão

A presente pesquisa buscou aprofundar-se na história da religião e cultura de Umbanda, tendo em vista sua importância no reconhecimento social e cultural no Brasil. O principal objetivo foi a

demonstração do potencial construtivo e valorização da cultura brasileira, já que a umbanda é uma religião/cultura criada e desenvolvida totalmente em solo brasileiro, tendo isso em vista demonstrou-se a importância da proteção e disseminação dessas culturas.

Devido a amplitude de materiais, vertentes e informações a respeito da religião de Umbanda, a intenção do projeto visou delimitar-se a construção e funcionalidade do templo, sem grandes aprofundamentos em relação a como ocorre o rito e como se dá o exercício da religião na prática.

Fica bastante claro que há um gama de produções científicas advindo principalmente dos campos da sociologia e história, porém o referencial advindo da arquitetura é escasso. Tendo essa problemática em vista consideramos a relevância das produções que visem oferecer esse espaço de reconhecimento para a religião.

Em sua produção ficou claro que é possível projetar um templo de Umbanda que agregue estética, funcionalidade, visibilidade, respeito às necessidades específicas da religião, acessibilidade e ainda sustentabilidade com base no aporte teórico já existente, mesmo que escasso.

Sobre a estrutura do complexo religioso foi proposto uma obra com materiais sustentáveis e reutilizáveis sendo o principal material utilizado o tijolo ecológico, o qual possui benefícios sustentáveis como de agilidade na obra, e vantagens futuras aos usuários como conforto térmico e acústico.

A volumetria desenvolvida buscou instigar a população a ter conhecimento sobre a Umbanda e as culturas que a ela estão ligadas, expondo através da arquitetura a grandiosidade da religião e cultura brasileira e levantando a curiosidade da população acerca da construção.

O Terreiro de Umbanda Filhos da Mata é uma obra além de religiosa, mas uma obra para os moradores e visitantes da cidade de Ponta Grossa, possuindo praças aberta ao público, uma loja e uma galeria de exposição, podendo ser utilizada não apenas como local que abriga os ritos, mas também como um local de convivência, oferecendo a mesma possibilidade existente nas tão conhecidas praças que rodeiam igrejas católicas no Brasil.

Tendo em vista a demanda de não haver um terreiro de Umbanda que fosse referência na cidade de Ponta Grossa fica claro a importância de um representativo arquitetônico da religião umbandista na região. Sendo assim, vislumbrando a complexidade da proposta de construção apresentada, é possível deduzir que o projeto possui todas as características que poderiam o enquadrar como um Terreiro de Umbanda referência enquanto estrutura na cidade de Ponta Grossa.

O artigo não busca a presunção de esgotar as pesquisas voltadas para a arquitetura religiosa na Umbanda, mas visa trazer à tona a importância de olhar para o apagamento cultural e levantar o questionamento sobre o motivo da dificuldade de

acesso a templos que cultuam religiões diferentes do cristianismo.

## Referências

ALBUQUERQUE, C. M. C. P., **Orixás**. Cadernos NAUI. Vol 5. N. 8. p. 96 a 120. Jan – jun 2016.

BALDIOTTI, G. R. C.; SANTANA, T. R. **A umbanda como patrimônio cultural material e Imaterial**. Revista África e Africanidades. N°33, Página 1 a 13. fevereiro, 2020.

BENISTE, J. **Dicionário Português Iorubá**. Editora Bertrand Brasil, 1° edição. Rio de Janeiro, 2021.

GIUMBELLI, E. **Presença na recusa: A África dos pioneiros umbandistas**. Santa Catarina, v17, n° 23, página 107-117. 2002.

MARTINS, E S. **Descalça-te, a terra é sagrada: A hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo na história bíblica do êxodo 3:5**. UFRN. N.3. p. 10-17. Minas Gerais jan/jun, 2016.

MAIA, C. E. S. **Através dos Arcos, Soldam-se os Elos: -Salve, Seu Zé! Salve, Malandragem! Salve, Lapa! Latitude**, Maceió, v. 16, n. 1, p. 104-135, 2022.

OLIVEIRA, S. N. **Educação e produção de subjetividades da intolerância: as novas fronteiras da intolerância com a Umbanda**. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá, página 79-91, setembro de 2014.

ORTIZ, R. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira**. 2° Edição. São Paulo. Brasiliense, 199. 229 páginas. 1999.

PAGLIUSO, L. **Luz no caminho: corpo, gesto e ato na umbanda Afro-Ásia**, núm. 42, pp. 195-225 Universidade Federal da Bahia Bahía, 2010.

PRANDI, R. **Exu, de mensageiro a diabo: Sincretismo católico e demonização do orixá Exu**. REVISTA USP, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto, 2001.

RIBEIRO, Vinny Héller Conrado Lima. **UMBANDA: conhecer para desmistificar**. Faculdade RSA. Página 1-7. junho de 2017.

ROCHA, R. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Editora Scipione. São Paulo, 2005.

ROHDE, B. **Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista**. Março 2009, página 77-96. 2009.

THOMPSON, B. **Nos portões, lápides e cruzeiros das almas: Rituais de Umbanda e multiplicidade cultural no cemitério público Santo Antônio, em Vitória - ES**. IV Seminário de Ciências Sociais - PGCS UFES. Vitória - ES, novembro, 2019.